

Mulheres no ministério pastoral batista

Women in the Baptist pastoral ministry

Valdir Stephanini¹

RESUMO

Este artigo lida com a questão da presença de mulheres no ministério pastoral em Igrejas Batistas filiadas à Convenção Batista Brasileira. Tendo como referencial teórico, conceitos como ordenação, consagração e imposição de mãos à luz da teologia batista o texto propõe uma abordagem bíblico-teológica da questão. O tema vem recebendo inúmeros debates e discussões por parte dos batistas brasileiros nas últimas décadas, sem consenso entre suas lideranças. A Convenção Batista Brasileira transferiu a responsabilidade da decisão de permitir ou não a presença de mulheres no ministério pastoral para os pastores batistas do Brasil membros da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB). The OPBB, por sua vez, transferiu a responsabilidade da decisão para as seções regionais de pastores, em cada estado da federação brasileira, que decidiram pela aceitação ou rejeição da matéria. Aspectos pragmáticos ajudam a elucidar a coerência de se conceder a condição de pastoras para as mulheres que já tem servido na liderança de Igrejas Batistas ao longo de sua história, sem, contudo, receber o *status* de pastoras.

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres. Ministério. Pastoral. Batista.

ABSTRACT

This article deals with the question of the presence of women in the pastoral ministry in Baptist Churches affiliated to the Brazilian Baptist Convention. Having as theoretical reference, concepts such as ordination, consecration and imposition of hands in the light of Baptist theology, the text proposes a biblical-theological approach to the question.

¹ Doutor em Teologia (PUC – RJ), professor da Faculdade Unida de Vitória.

The theme has been receiving countless debates and discussions on the part of the Brazilian Baptists in the last decades, without consensus among its leaderships. The Brazilian Baptist Convention transferred the responsibility for deciding whether or not to allow the presence of women in the pastoral ministry for the Brazilian Baptists Pastors members of the Brazilian Baptists Pastors Bureau (Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – OPBB). The OPBB, in turn, transferred the responsibility of the decision to the regional sections of pastors, in each state of the Brazilian federation, that decided for the acceptance or rejection of the matter. Pragmatic aspects help to elucidate the consistency of granting pastoral status to women who have already served in the leadership of Baptist Churches throughout their history, without, however, receiving pastoral status.

KEYWORDS

Women. Ministry. Pastoral Care. Baptist.

Introdução

Os últimos 20 anos têm sido marcados por grandes debates entre os batistas brasileiros quanto à presença das mulheres no Ministério Pastoral. O assunto é controvertido e consegue colocar em posições opostas estudiosos da Bíblia e líderes denominacionais de grande expressão, que se utilizam das Escrituras para fundamentar seus posicionamentos. Por isso, é preciso que haja respeito mútuo na abordagem da matéria, reconhecendo-se não ser este um assunto de unanimidade entre os/as teólogos e líderes batistas no Brasil como também de outras tradições religiosas.

A Convenção Batista Brasileira (CBB) estudou o assunto em diversos momentos e de diversas maneiras, incluindo a utilização da estratégia dos Grupos de Trabalho (GTs). Depois de muitos e acalorados debates, respeitando o princípio batista da autonomia das Igrejas, a CBB, reunida em Assembleia², deixou a critério das comunidades locais a

² Assembleia da CBB que tomou esta decisão aconteceu na cidade de Niterói, em Janeiro de 1996.

decisão sobre a convocação de concílio para exame e imposição de mãos sobre mulheres visando o exercício do ministério pastoral.

Por sua vez, a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB), órgão máximo da denominação Batista, no qual os pastores batistas que pastoreiam Igrejas filiadas à CBB estão filiados, em sua Assembleia anual reunida em Florianópolis, em Janeiro de 2007, decidiu não admitir pastoras em seu rol de membros. Posteriormente³ a OPBB reconsiderou o assunto, com decisão final de que cada secção estadual da ordem define se recebe ou não mulheres em seu quadro de associados. Assim sendo, algumas ordens estaduais decidiram receber e outras não, produzindo uma grande confusão para o povo batista brasileiro. Mesmo assim, até setembro de 2017, 302⁴ pastoras estavam listadas como pastoras atualmente em Igrejas da Convenção Batista Brasileira.

1. Definição de Termos

Início a abordagem do assunto, refletindo em torno dos termos que têm sido utilizados para se referir ao processo de condução de pessoas ao Ministério Pastoral Batista. Três termos têm sido utilizados, a saber:

- 1.1. Ordenação: “cerimônia religiosa na qual se conferem as ordens sacras”⁵. Segundo Oliveira⁶ “ordem é um dos sete sacramentos da Igreja Católica e ordenar é conferir as ordens ou o sacramento da ordem”. Landers⁷, por sua vez, entende que com a ordenação estabelece-se uma clara conotação sacramental, o que entre os batistas é visto com reservas. Sendo assim, ordenação não é

³ Assembleia da OPBB realizada em João Pessoa – PB em 22 de Janeiro de 2014.

⁴ Informação fornecida pela Pr^a Zenilda Reggiani Cintra (zenildacintra@uol.com.br) que lidera um movimento entre os Batistas Brasileiros visando o reconhecimento e aceitação das pastoras por parte da OPBB. Disponível em: < <http://pastorazenilda.blogspot.com.br> > Acesso em: 30 abr. 2018.

⁵ Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: < <http://www.Dicionariodourélio.com> >. Acesso em: 04 set. 2017.

⁶ OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Imposição de mãos... mulheres pastoras?* Recife: STBNB Edições, 2001, p.15.

⁷ LANDERS, John. *Teologia dos princípios batistas*. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, p. 99.

o termo mais indicado para identificar a cerimônia de legitimação do ingresso no Ministério Pastoral Batista.

- 1.2. Consagração: Esta expressão significa “dedicar a Deus: consagrar uma pessoa”⁸. Transmite a idéia de que um ato consagratório tornaria uma pessoa sagrada ou “consagrada”, para o exercício do Ministério Pastoral. Oliveira⁹ cita o escritor batista Arthur Brown, que afirma: “É costume, entre nós, usar-se o termo ‘consagração’, que, aliás, nunca aparece no Novo Testamento, no sentido de consagrar um homem ao Ministério Cristão. O Novo Testamento costuma empregar quase sempre a expressão ‘imposição de mãos’”.
- 1.3. Imposição de Mãos: Esta expressão é muito utilizada na Bíblia, para se referir a pessoas separadas para a realização de ministérios específicos, além de outros propósitos. O termo é usado para se referir à concessão de bênção (Jacó sobre Efraim e Jacó: Gênesis 27,30-33, Arão estendeu as mãos para abençoar o povo, conforme se lê em Levítico 9,22; Jesus abençoou os/as discípulos/as com as mãos levantadas (Lucas 24,50), impôs as mãos para abençoar crianças (Marcos 1,16), para curar (Marcos 6,5).

Acerca deste assunto, algumas observações podem ser feitas: 1. Não há referência de que Jesus tenha feito a “imposição de mãos” sobre os apóstolos. 2. Os sete líderes mencionados em Atos 6 receberam a “imposição de mãos”- Atos 6,6. 3. Paulo e Barnabé receberam “imposição de mãos” da Igreja para a realização da obra missionária – Atos 13,3. 4. Timóteo recebeu “imposição de mãos” do presbitério para o Serviço do Senhor, ou seja, para o exercício do Ministério Pastoral – I Timóteo 4,14 e de Paulo a fim de receber o “dom de Deus” – 2 Timóteo 1,6. 5. Não se deve impor as mãos sobre alguém, precipitadamente – 1 Timóteo 5,22.

Falando sobre o processo de imposição de mãos para o exercício do Ministério Pastoral, Oliveira¹⁰ afirma:

⁸ *Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: < <http://www.Dicionariodourélio.com>>. Acesso em : 04 set. 2017.

⁹ OLIVEIRA, 2001, p. 16.

¹⁰ OLIVEIRA, 2001, p. 89.

Tudo indica que o apontamento, eleição ou separação para o ministério no Novo Testamento, através de uma cerimônia formal de imposição de mãos tornou-se uma prática comum na igreja. Na cerimônia está implícita a bênção, não provinda dos ministros participantes ou da igreja em si, mas de Deus, para alguém já escolhido por Ele e pela Igreja. O ato é um sinal de aprovação, pelo que de alguma forma a igreja deve ser participante. Não significa transferência de autoridade ou poder, ou sacralização.

Assim sendo, este artigo opta pela expressão “imposição de mãos” quando se refere ao processo que examina e conduz uma pessoa ao exercício do Ministério Pastoral em Igrejas Batistas filiadas à Convenção Batista Brasileira, independente de gênero.

2. Ministério Pastoral Feminino

2.1. Do Ponto de Vista Bíblico-Teológico

Os escritos bíblicos revelam a ausência do elemento feminino em determinadas áreas de liderança. Não houve sacerdotisas entre os judeus, conforme relata o Antigo Testamento. Jesus não convocou senão homens para o apostolado. Entretanto, Júnias (Romanos 16,7), é apresentada como apóstola, como afirma Stegemann & Stegemann¹¹. Para a obra missionária, num primeiro momento, o Espírito Santo separou Barnabé e Saulo, dois homens (Atos 13,2). Por outro lado, nos dois testamentos é evidente a projeção de várias mulheres, como líderes, em diversas áreas de grande relevância. A liderança do povo de Deus tem na vocação e no dom espiritual seus elementos essenciais e isso nada têm a ver com gênero e sim com a soberania e os propósitos de Deus. Segundo Stegemann; Stegemann¹² “a equiparação carismática dos gêneros se evidenciava também na participação feminina em funções espirituais de liderança dentro das comunidades crentes em Cristo”.

¹¹ STEGEMANN, Ekkehard W; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do proto-cristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal/São Paulo: Paulus, 2004, p. 440.

¹² STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 440.

No Antigo Testamento alguns nomes se destacam: a profetisa Hulda (2 Re 22,14-20). O Sacerdote Hilquias vai até ela para buscar orientação de Deus. A profetisa e também juíza Débora (Jz 4,4-5) que era procurada pelos israelitas para julgar suas causas. Baraque só foi à luta na sombra de Débora, como confessa abertamente: “Só irei se você for comigo. Se você não for, eu também não irei” (Jz 4,8). A rainha Ester livrou o povo de Israel do extermínio (Livro de Ester), dentre outras mulheres que são mencionadas no exercício de funções e ministérios importantes no meio do povo de Deus.

No Novo Testamento, a figura da mulher ganha um destaque extraordinário, através do ministério de Jesus de Nazaré. Jesus valorizou a mulher de maneira notável. Como símbolo desta valorização, podem-se mencionar as diversas mulheres que Jesus curou em seu ministério: a sogra de Pedro: Mc 1,29-31, a mulher com hemorragia: Mc 5,21-44, a mulher siro-finícia: Mc 7,24-30 e muitas outras. A forma como Jesus se relacionou com as mulheres que com ele se encontraram é algo notável: ao lado do poço, em Sicar (João 4), Jesus dá uma grande lição aos seus/suas seguidores/as e a todos/as quando conversa, valoriza e orienta uma mulher samaritana, duplamente discriminada, pelo gênero e pela nacionalidade. Quando lhe trazem uma mulher flagrada em adultério (João 8) e exigem dele um posicionamento, Jesus aproveita a oportunidade para demonstrar graça, amor e misericórdia para com ela e rigor no julgamento que faz à multidão que acompanha o episódio. O fato de Jesus e seu grupo de discípulos/as terem sido sustentados por mulheres, conforme Lucas menciona (Lucas 8,1-3), contrapõe qualquer espírito machista e libera as mulheres para servi-lo sem impedimento. As primeiras pessoas a testemunharem da ressurreição de Cristo, foram as mulheres, fato mencionado pelos quatro evangelistas.

Nas comunidades cristãs primitivas as mulheres participavam de diversas formas. O apóstolo Paulo designa Priscila, Evódia e Síntique como suas cooperadoras (Romanos 16,3, Filipenses 4,2). Outras mulheres também desenvolveram atividades missionárias como Maria (Romanos 16,6), Trifena e Trifosa (Romanos 16,12). Todas essas mulheres, e muitas outras, “desempenharam um papel de vanguarda na fundação de comunidades domésticas crentes em Cristo, papel que compreendia também a tarefa da proclamação” como assevera Stegemann;

Stegemann¹³. Segundo Wanda Deifelt¹⁴ “as mulheres estiveram presentes nas igrejas domésticas e também em ministérios públicos, atuando como diáconas, apóstolas, missionárias e pregadoras do Evangelho”.

Outro destaque que precisa ser feito é a relevância das mulheres no trabalho de consolidação dos frutos do trabalho missionário, o que se pode chamar de discipulado cristão. Destaque neste sentido para o casal Priscila e Áquila que orientaram Apolo (Atos 18,24-26) e são mencionados outras 4 vezes pela Bíblia (Atos 18,2, Romanos 16,3, 1 Cor 16,19, 2 Timóteo 4,19). Dos cinco textos em que o casal é mencionado, em três deles o nome dela, Priscila, precede ao dele, Áquila¹⁵.

O registro neotestamentário mais antigo da função do *diáconos* (diácono/diácona) refere-se a uma mulher. Em Romanos 16,1 Paulo faz recomendação de uma certa Febe à comunidade romana. Ela é *diáconos* da comunidade crente em Cristo em Cencrécia e supostamente a patrona da comunidade daquele lugar¹⁶. As quatro filhas do evangelista Filipe (Atos 21,8-9) foram mencionadas como profetisas e pela forma como o escritor do livro de Atos faz o registro, era algo absolutamente comum a presença de mulheres nesta qualidade. A orientação paulina registrada em 1 Coríntios 11,5 pressupõe mulheres como profetisas e oradoras nas reuniões da comunidade¹⁷.

Do ponto de vista teológico é bom lembrar que homem e mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1,26-27) e que, sobretudo com Jesus Cristo, não há diferença entre homem e mulher no que tange ao relacionamento com Deus e ao envolvimento na realização da sua missão.

Uma leitura mais aprofundada e livre de posicionamentos discriminatórios, oferece subsídios suficientes para se acreditar que nas comunidades

¹³ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 441.

¹⁴ DEIFELT, Wanda. Mulheres pregadoras: uma tradição a igreja. *Theophilos: Revista de Teologia e Filosofia*. Canoas: Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Vol. 1, n.2 (2001), p.254.

¹⁵ MICKELSEN, Alvera. Um ponto de vista igualitário: não há homem nem mulher em Cristo. In: CLOUSE, Bonnidell; CLOUSE, Robert G. *Mulheres no ministério pastoral: quatro opiniões sobre o papel da mulher na igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 213.

¹⁶ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 441.

¹⁷ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 442.

crists primitivas era considerado normal e aceitável, a presença da mulher na liderança, mas esta prática foi sendo questionada, na medida em que o cristianismo foi se institucionalizando, ampliando sua influência e alcançando outros povos. Conforme afirmam os irmãos Stegemann¹⁸:

É presumível que mulheres, em princípio, tivessem parte na maioria dos dons carismáticos das comunidades crentes em Cristo, seja no desempenho de funções missionárias, seja no exercício de determinadas esferas de competência nas comunidades locais ou na participação ativa nas reuniões da *ekklesia* [...] A controvérsia crescente sobre funções de liderança de mulheres atingiu seu ápice quando, no século 3.d.C., as comunidades crentes em Cristo pararam de reunir-se em casas particulares e se mudaram para a esfera pública da *polis* (basílica).

Note-se que a questão da presença ou não de mulheres na liderança passa a receber conotação muito mais política do que teológica, inclusive nas medidas restritivas mencionadas pelo apóstolo Paulo, ao escrever para a comunidade cristã de Corinto (1 Coríntios 14) e ao seu discípulo na fé Timóteo (1 Timóteo 2). Como expressaram os irmãos Stegemann¹⁹, se Paulo parte do pressuposto que “é desonroso para uma mulher falar na *ekklesia*” (1 Coríntios 14,35) ele “está de acordo com as convenções de sua sociedade [...]. Convenções da cultura judaica e Greco-romana”. Para os referidos autores as restrições paulinas são “acomodação das experiências carismáticas às estruturas da sociedade majoritária no curso de sua ‘cotidianização’ ou institucionalização”²⁰.

Por outro lado, na teologia Paulina, Cristo é o grande paradigma e não o sexismo ou outro parâmetro cultural ou social. Em duas de suas epístolas, essa quebra de paradigmas fica muito evidente. A primeira pode ser encontrada na carta que escreve aos Gálatas: “Desse modo não existe diferença entre judeus e não judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só, por estarem unidos com Cristo Jesus” (Gálatas 3,28). A outra é quando escreve aos Colossenses:

¹⁸ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 443.

¹⁹ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 446.

²⁰ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 452.

“Já não existem mais judeus e não judeus, circuncidados e não circuncidados, não civilizados, selvagens, escravos ou pessoas livres, mas Cristo é tudo e está em todos (Colossenses 3,11).

Ao falar sobre a Igreja, como o Corpo de Cristo, e sua liderança, o apóstolo deixa claro que o Ministério Pastoral deve ser exercido por pessoas que sejam dotadas de “dom” especial para isso, não à luz do sexo ou outro qualquer fator determinante.

Foi Ele quem deu dons às pessoas. Ele escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e ainda outros para pastores e mestres da Igreja. Ele fez isso para preparar o povo de Deus para o serviço cristão, a fim de construir o corpo de Cristo. Desse modo, todos nós chegaremos a ser um na nossa fé e no nosso conhecimento do Filho de Deus. E assim sere-mos pessoas maduras e alcançaremos a altura espiritual de Cristo (Efésios 4,11-13).

O Ministério Pastoral é estratégico no plano de Deus para a sua Igreja, a fim de equipar, capacitar e instrumentalizar a sua Igreja para o exercício do Seu ministério e o cumprimento de sua missão no mundo. O ministério é da Igreja. Os próprios termos gregos, usados para identificar a liderança das igrejas revelam isso. Ebenézer Soares Ferreira²¹ afirma que: “no Novo Testamento, encontramos três títulos que expressam o ministério pastoral. Não são três categorias de oficiais, como ensinam algumas denominações. Os títulos expressam, sim, idéias bíblicas do ministério e suas funções”. As três palavras gregas são:

- πρεσβύτερος: Traduzido por “presbítero” ou “ancião”, o termo transmite a ideia de alguém respeitado em virtude de suas experiências de vida²². Respeito e honra conquistado por sua experiência e testemunho de vida, não pelo sexo que tem, nem por qualquer outro perfil de cunho cultural, social ou econômico.

²¹ FERREIRA, Ebenezer Soares. *Manual da Igreja e do Obreiro*. Rio de Janeiro: JUERP, 2002, p. 153.

²² Cf. TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965, p. 182.

- ἐπίσκοπος: A palavra é traduzida por “bispo” e transmite a ideia de supervisão²³. Trata-se de um ministro ou ministra, levantado/a por Deus, para supervisionar os/as outros/as ministros e ministras, ou seja, os demais crentes em Jesus Cristo.
- ποιμήν: Termo traduzido por “pastor”, transmite a ideia de ternura²⁴. Esta foi a expressão favorita do próprio Jesus, ao falar do seu estilo de liderança, ou seja, de cuidado, suprimento, pastoreio e auto sacrifício em favor de suas ovelhas. Segundo Ferreira²⁵, “a função de apascentar, de pastorear, exige ternura, afetividade, renúncia e amor”.

Outro aspecto a ser destacado é que o Ministério Pastoral não descende do Sacerdócio do Antigo Testamento, nem do colegiado de Apóstolos do Novo Testamento, argumentos muitas vezes utilizados contrários ao ministério pastoral feminino. Para pastorear o rebanho de Jesus Cristo, Deus vocaciona e capacita pessoas, através do seu Espírito, numa concepção totalmente nova de liderança, não relacionada ao sacerdócio judaico, nem ao apostolado cristão. “A vocação depende de Deus, da ação do Espírito Santo. O Espírito sopra onde quer, quando quer e não faz acepção de pessoas”²⁶. Deifelf cita um texto clássico do século XVII, intitulado *Women’s Speaking Justified*, bastante conhecido nos Estados Unidos, em que a autora, de tradição *Quaker*, Margareth Fell, “argumentava que as mulheres não poderiam ser impedidas de pregar a Palavra de Deus porque elas haviam sido escolhidas, movidas a falar pelo Espírito Santo”²⁷.

Convém que se diga, ainda, que o Ministério Pastoral não pode ser confundido com o governo da Igreja, que deve ser exercido pelo próprio Cristo, que é a cabeça da Igreja, através da própria congregação. “Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja, e é ele quem dá vida ao corpo. Ele é o primeiro filho, que foi ressuscitado para que somente ele tivesse o

²³ Cf. TAYLOR, 1965, p. 185.

²⁴ Cf. TAYLOR, 1965, p. 179.

²⁵ FERREIRA, 2002, p. 155.

²⁶ DEIFELT, 2001, p. 258.

²⁷ DEIFELT, 2001, p. 258.

primeiro lugar em tudo” (Colossenses 1,18). Na eclesiologia batista, esta questão está muito bem definida, quando é estabelecido o governo congregacional. Falando sobre o assunto, Ferreira²⁸ afirma:

O tipo (de governo) bíblico é o que ensina que a igreja é uma democracia e, como tal, é soberana e autônoma. Os batistas adotam essa forma de governo, que é encontrada na Bíblia. Ninguém é chefe. Ninguém manda. À congregação cabe o direito de gerir os seus negócios dentro da pura democracia. Em suas relações para com Deus, a igreja é uma teocracia. Em suas relações para com seus membros, é uma democracia. São os crentes que decidem, em assembleia, respeitam a decisão da maioria e aceitam a decisão da igreja como a ação final. Todos os membros têm direitos iguais. Os oficiais eleitos pela igreja apresentado-lhe relatórios de suas atividades quando solicitados e todos podem opinar sobre eles.

Ministério Pastoral, como a própria expressão sugere, não pode ser associado à poder, governo ou autoridade e sim com liderança, serviço, cuidado, exemplo e amor, seguindo o estilo de Jesus Cristo, que assim agiu e assim ensinou quando disse:

Como vocês sabem, os governadores dos povos pagãos têm autoridade sobre eles e mandam neles. Mas entre vocês não pode ser assim. Pelo contrário, quem quiser ser importante, que sirva os outros e quem quiser ser o primeiro, que seja o escravo de todos. Porque até o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para salvar muita gente (Marcos 10,42-45).

Jesus Cristo é o paradigma para a liderança pastoral. Ele é o sumo pastor das ovelhas e é descrito por Pedro como “pastor e bispo” de nossas almas. Pedro orienta também:

Aconselho que cuidem bem do rebanho que Deus lhes deu e façam isso de boa vontade, como Deus quer, e não de má vontade. Não façam os eu trabalho para ganhar dinheiro, mas com o verdadeiro desejo de servir. Não procurem dominar os que foram entregues aos

²⁸ FERREIRA, 2002, p. 59.

cuidados de vocês, mas sejam um exemplo para o rebanho. E, quando o Grande Pastor aparecer, vocês serão receberão a coroa gloriosa que nunca perde o seu brilho (1 Pedro 5,1-5) .

O próprio Jesus se auto intitulou de “o bom pastor, aquele que dá a vida pelas ovelhas” (João 10,11). É conclusiva a afirmação de que a Bíblia não é clara sobre a questão da presença da mulher no Ministério Pastoral. Ela simplesmente não se pronuncia sobre o assunto, deixando aberta a possibilidade, a fim de que, em qualquer tempo, isso venha a acontecer. Neste sentido, é preciso atentar para o que escreve Gene Getz²⁹:

É importante ajudar os cristãos a compreender a diferença entre absolutos e não absolutos entre funções e formas, entre princípios e padrões, entre verdade e tradição, entre organismo e organização, entre mensagem e método, entre aquilo que é supra cultural e aquilo que é puramente cultural [...]. A igreja evangélica não pode e não deve deixar-se prender a formas e padrões do século I ou do século X, elaborados como meio de alcançar os objetivos bíblicos. Sob a liderança criativa do Espírito Santo e empregando todos os recursos humanos disponíveis, precisamos desenvolver igrejas dinâmicas, dignas do século XX, que estejam criando estratégias evangelísticas atualizadas, fundamentadas nos princípios e diretrizes do Novo Testamento.

Isso contribui para conclusão de que a presença ou não da mulher na liderança das Igrejas, tanto no período do Novo Testamento como no decorrer da História da Igreja Cristã, está muito mais associada às questões culturais do que às questões teológicas. Assim sendo, fica aberto o espaço para o surgimento de lideranças femininas no Ministério Pastoral das Igrejas Batistas contemporâneas, como tem acontecido e certamente vai acontecer cada vez com maior quantidade.

No entendimento de Ivone Gebara³⁰, “a religião patriarcal afirmou, de uma maneira geral, o feminino como dependente do masculino não só nos limites da história, mas nos limites da simbologia religiosa”.

²⁹ GETZ, Gene A. *Igreja: forma e essência, o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da História e da Cultura*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 45 e 89.

³⁰ GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismo*: antologia de textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010, p.50.

E isso fica muito evidente nas discussões relacionadas à presença da mulher no Ministério Pastoral, uma vez que este é símbolo de poder e de domínio nas comunidades cristãs ao longo dos séculos. Mas como afirma Gebara³¹ “não há como modificar o passado, entretanto, há como preparar o presente em vista do futuro, apesar da dose incrível de imprevisíveis nos quais vivemos”.

2.2. Do Ponto de Vista Pragmático

O espaço de liderança conquistado pela mulher na indústria, no comércio, na política, na magistratura, na ciência, na filosofia, na teologia e na educação ultrapassa consideravelmente os limites conhecidos nos tempos bíblicos. Como afirmam Clouse & Clouse: “No mundo pagão do primeiro século, as mulheres deveriam usar véus e ficar caladas. Hoje é bem o contrário. A sociedade que aceita mulheres como executivas de corporações e presidentes de universidades achará difícil ouvir uma igreja que as reduz ao silêncio”³².

Na sociedade contemporânea, em todas essas áreas, a mulher vem granjeando prestígio e autoridade, inclusive em áreas dantes só dominadas por pessoas do sexo masculino. Como exemplo disso, pode-se citar o comando do Supremo Tribunal Federal, que, pela primeira vez na história do Brasil, foi presidido por uma mulher no biênio 2006-2008, Dr^a Ellen Gracie Northfleet. A Igreja Episcopal dos Estados Unidos escolheu, no dia 18 de Junho de 2006, a bispa Katharine Schori, como sua nova líder. A Alemanha e a Finlândia (Europa), Líbia (África), Chile, Argentina e Brasil (América Latina) foram ou são comandados por mulheres. Vários estados do Brasil e um grande número de municípios brasileiros elegeram mulheres como governadoras e prefeitas. Seria só para a liderança das Igrejas que se fechariam as portas às mulheres? “A sociedade que aceita mulheres como executivas de corporações e presidentes de universidades achará difícil ouvir uma igreja que as reduz ao silêncio”³³

³¹ GEBARA, 2010, p. 50.

³² CLOUSE, Bonnidell; CLOUSE, Robert G. *Mulheres no ministério pastoral: quatro opiniões sobre o papel da mulher na igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 280.

³³ Cf. CLOUSE; CLOUSE, 1996, p. 280.

É inegável que a Bíblia silencia concernente à presença da mulher no Ministério Pastoral, mas omite também a mulher-missionária, a mulher-pedagoga, a mulher-conselheira de família a mulher-música, a mulher-capela, a mulher-diretora, a mulher-escritora, a mulher-teóloga. Tudo isso, no entanto, aprova-se hoje com facilidade. Se não há textos bíblicos apoiando explicitamente a presença de mulheres na liderança de igrejas e nenhum que proíba tal prática, faz-se a leitura crítica das omissões e atenta-se para as circunstâncias históricas e culturais.

Por uma questão de justiça é preciso registrar o bom desempenho de inúmeras mulheres nos diversos setores da Obra de Deus, incluindo liderança de frentes missionárias, plantação de Igrejas, liderança de instituições e organizações denominacionais, inclusive na diretoria da Convenção Batista Brasileira e na própria Ordem dos Pastores Batistas do Brasil.

É preciso que se faça um destaque às missionárias que realizam o trabalho que os pastores fazem. Evangelizam, ensinam, capacitam líderes, lideram, organizam e administram igrejas. Seria justo negar-lhes o título de pastoras, estando elas realizando o trabalho que os pastores realizam? Permitir-lhes as funções e negar-lhes o título? Se for invocado o princípio de que o ensino em Corinto era um privilégio para pessoas do sexo masculino, por que admitir nas igrejas atuais a docência da mulher? O que seria das Igrejas hoje sem as “professoras”, as “diaconisas”, as “vice-presidentes”?

Diante da crescente habilitação da mulher nas diversas áreas do conhecimento e das funções sociais, qual a justificativa para impedi-la de exercer o pastorado? Com que argumentação consistente um Concílio de Pastores rejeitaria uma experiência de vocação específica para o exercício do ministério pastoral, exposta por uma mulher, só pelo fato de ser mulher? Se o Ministério Pastoral deve ser exercido por pessoas dotadas de “dom” especial para isso, o Espírito Santo estaria limitado a “vacionar” e a “capacitar” somente homens para o ministério? Onde fica a soberania de Deus em vocacionar e chamar pessoas para o Ministério Pastoral?

Em alguns países do mundo e em algumas denominações protestantes, este assunto já foi superado, pois igrejas têm convocado concílios visando a imposição de mãos, introduzindo mulheres no Ministério

Pastoral. Nos Estados Unidos a primeira mulher a ser ordenada para o Ministério Pastoral entre igrejas protestantes aconteceu em 1853, numa comunidade de eclesiologia congregacional, denominada Discípulos de Cristo. Em Igrejas que adotam uma eclesiologia presbiteriana e episcopal o processo foi mais lento.³⁴Há países em que isso tem ocorrido também entre os batistas, especialmente na Europa e na América do Norte. Os Batistas do Sul dos Estados Unidos tem pastoras desde que Addie Davies, em 1964, recebeu imposição de mãos para o Ministério da Palavra³⁵.

3. Situação atual do Ministério Pastoral Feminino nas Igrejas da CBB

A primeira pastora batista de uma igreja da Convenção Batista Brasileira, foi a Pr^a Sílvia da Silva Nogueira, tendo passado por um concílio bastante tumultuado, no dia 10 de julho de 1999, na Primeira Igreja Batista Campo Limpo, em São Paulo. No dia 04 de agosto do ano 2000, Elizabete Carvalho Teófilo, foi conduzida ao ministério pastoral pela Igreja Batista da Esperança, em Fortaleza, Ceará tendo recebido apoio da Convenção Batista do Ceará e da Ordem dos Pastores do Ceará. É bom ressaltar que a Pr^a Elizabeth chegou a ser membro do Conselho da Convenção Batista Brasileira.

Em 2001, a Igreja Batista de Fernando de Noronha – PE convocou concílio e conduziu ao ministério pastoral a pastora Eridinaide Alves da Cunha e Silva. Segundo Oliveira, em 2001 já há mulheres pastoras entre os batistas em pelo menos seis estados brasileiros³⁶, apesar de o assunto gerar polêmica em determinados órgãos de algumas convenções estaduais. No estado do Paraná, em 2002, uma pastora exercia o cargo de vice-presidente da Ordem dos Pastores do Estado do Paraná.

Desde 2016 as Igrejas filiadas à CBB receberam sinal verde para promover concílios e imposição de mãos conduzindo mulheres ao Ministério Pastoral Batista. Desde então, mais de 300 mulheres já passaram

³⁴ DEIFELT, 2001, p. 270.

³⁵ OLIVEIRA, 2001, p.35.

³⁶ OLIVEIRA, 2001, p.36.

por esse processo e estão desenvolvendo seus ministérios nas Igrejas que lhes impuseram as mãos ou outras que as convidaram para o Ministério Pastoral.

Em setembro de 2017 a pastora Zenilda Reggiani Cintra registrava em seu blog uma lista de 302 pastoras atuando em igrejas filiadas à Convenção Batista Brasileira³⁷. Dessas, 124 estão localizadas no estado do Rio de Janeiro, 30 em São Paulo, 19 na Bahia, 16 no Mato Grosso do Sul, 14 em Santa Catarina, 20 na Paraíba, 13 em Pernambuco, 12 em Minas Gerais, 10 no Espírito Santo, 08 no Paraná, 06 em Sergipe e no Mato Grosso, 05 no Ceará, 04 no Distrito Federal, 03 no Tocantins, 04 estados contam com duas pastoras: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão e Pará, e dois estados contam com apenas uma pastora, Goiás e Rondônia.

Como se vê em apenas cinco estados brasileiros as Igrejas Batistas ainda não contam com mulheres em seus ministérios: Alagoas, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Roraima. Por outro lado, só nos quatro estados da região Sudeste estão concentradas 174 pastoras, o que significa mais da metade das pastoras batistas em atividade em igrejas batistas brasileiras.

Quanto à filiação na OPBB, depois de uma decisão da OPBB nacional em não aceitar a filiação de Pastoras, tomada em sua Assembleia realizada em Florianópolis-SC, em 2007, a mesma ordem revisou sua decisão na Assembleia realizada em João Pessoa-PB, em 22 de Janeiro de 2014, que transferiu para as seções estaduais da ordem a responsabilidade de decidir sobre o assunto. A partir daí, as seções estaduais da OPBB passaram a deliberar sobre o assunto. Até agora algumas decidiram por aceitar, outras por rejeitar a filiação de mulheres. Entretanto, isso não impede o exercício do Ministério Pastoral por parte de mulheres em Igrejas filiadas à CBB. Independente de estarem ou não filiadas à OPBB, as 239 pastoras são reconhecidas como tais em suas comunidades e exercem o ministério que entendem foram chamadas por Deus a exercer.

No dia 25 de abril de 2018 a Assembleia da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, realizada em Poços de Caldas, MG, elegeu em sua diretoria nacional, como segunda secretária, a Pr^a Raquel Miranda dos Santos, do Rio de Janeiro. Com isso entende-se que, embora algumas

³⁷ Disponível em: < <http://pastorazenilda.blogspot.com.br> > Acesso em: 06 jun. 2018.

secções estaduais da OPBB não aceitem a filiação de pastoras em seu rol, a presença das mulheres no Ministério Pastoral Batista é uma realidade irreversível, com tendência de crescer cada vez mais.

Considerações Finais

1. Soberania de Deus: Ele pode escolher, vocacionar e capacitar quem quiser para o exercício dos Ministérios que Ele quiser, incluindo o Ministério Pastoral. Não se pode limitar Deus em nada, inclusive no que tange à vocação de pessoas para o exercício do Ministério Pastoral. Dele são os homens, dele são as mulheres. Ele usa quem, quando e onde quiser.

2. Autonomia das comunidades locais: Na eclesiologia batista, as igrejas locais tem autonomia para reconhecer a vocação e eleger qualquer pessoa, sem distinção de sexo, raça, cor ou condição social, promovendo a imposição de mãos destas pessoas para ministérios específicos, incluindo o pastoral, música, missões, educação cristã, ação social ou qualquer outro, segundo as suas necessidades. Se as comunidades locais decidem pela convocação de concílios visando à imposição de mãos sobre mulheres para o Ministério Pastoral Batista estão agindo de acordo com sua autonomia e consciência, referendados pela própria Assembleia da CBB.

3. Ordem paralela: A Convenção Batista Brasileira transferiu para as igrejas locais e para as secções estaduais a responsabilidade de decidir sobre a imposição de mãos sobre as mulheres visando o ministério pastoral. Algumas secções decidiram favoravelmente, outras não. Além da confusão que isso tem causado entre os batistas brasileiros, certamente dará margem ao surgimento uma ordem paralela, ou seja, a ordem das Pastoras Batistas do Brasil.

4. Vocação pastoral: Independente de gênero as comunidades locais devem promover o exame e a imposição de mãos sobre os seus ministros e ministras com muito critério, seguindo as orientações explícitas nas Escrituras Sagradas, entendendo que a cerimônia não transfere poder ou autoridade, mas constitui-se num reconhecimento formal e público da vocação de Deus e um comissionamento (autorização) para o exercício de determinado ministério, em determinada Igreja ou campo missionário,

inclusive o Ministério Pastoral. Homens e mulheres devem atender ao chamado de Deus para a obra do ministério, buscar a qualificação necessária, independente de gênero.

Este artigo finaliza com o credo da mulher, escrito por Rachel C. Wahlberg³⁸:

CREIO em Deus, que criou a mulher e o homem a sua imagem, que criou o mundo e recomendou aos dois sexos o cuidado da terra. CREIO em Jesus, filho de Deus, eleito de Deus, nascido de uma mulher, Maria, que escutava as mulheres e as apreciava; que morava em suas casas e falava com elas sobre o Reino; que tinha mulheres discípulas, que o seguiam e o ajudavam com seus bens. CREIO em Jesus, que falou de teologia com uma mulher, junto a um poço, e lhe revelou, pela primeira vez, que ele era o Messias, que a motivou a ir e contar as grandes novas na cidade. CREIO em Jesus, sobre quem uma mulher derramou perfume, em casa de Simão; que repreendeu aos homens convidados que a criticavam. CREIO em Jesus, que disse que essa mulher seria lembrada pelo que havia feito: servir a Jesus. CREIO em Jesus, que curou a uma mulher, no sábado, e lhe restabeleceu a saúde porque era um ser humano. CREIO em Jesus, que comparou Deus com uma mulher que procurava uma moeda perdida, como uma mulher que varria, procurando a sua moeda. CREIO em Jesus, que considerava a gravidez e o nascimento com veneração, não como um castigo, mas como um acontecimento desgarrador, uma metáfora de transformação, um novo nascer da angústia para a alegria. CREIO em Jesus, que se comparou a galinha que abriga os seus pintinhos debaixo das suas asas. CREIO em Jesus, que apareceu primeiro à Maria Madalena, e a enviou a transmitir a assombrosa mensagem “Ide e contai...”. CREIO na universalidade do Salvador, em quem não há judeu nem grego, escravo nem homem livre, homem nem mulher, porque todos somos um na salvação. CREIO no Espírito Santo, que se move sobre as águas da criação e sobre a terra. CREIO no Espírito Santo, o espírito feminino de Deus, que nos criou, e nos fez nascer, e qual uma galinha nos cobre com suas asas.

³⁸ Disponível em: < <http://pastorazenilda.blogspot.com.br> > Acesso em: 30 abr. 2018.

Referências

- CLOUSE, Bonnidell; CLOUSE, Robert G., *Mulheres no ministério pastoral: quatro opiniões sobre o papel da mulher na igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.
- AURÉLIO, *Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://www.dicionariodourélio.com>>. Acesso em: 04 set. 2017.
- DEIFELT, Wanda. Mulheres pregadoras: uma tradição a igreja. *Theophilos: Revista de Teologia e Filosofia*. Canoas: Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Vol. 1, n.2 (2001), p.353-372.
- FERREIRA, Ebenezer Soares. *Manual da Igreja e do Obreiro*. Rio de Janeiro: JUERP, 2002.
- GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismos: antologia de textos*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.
- GETZ, Gene A. *Igreja: forma e essência, o corpo de Cristo pelos ângulos das Escrituras, da História e da Cultura*. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- LANDERS, John. *Teologia dos princípios batistas*. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.
- MICKELSEN, Alvera. Um ponto de vista igualitário: não há homem nem mulher em Cristo. In: CLOUSE, Bonnidell; CLOUSE, Robert G., *Mulheres no ministério pastoral: quatro opiniões sobre o papel da mulher na igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Imposição de mãos: mulheres pastoras?* Recife: STBNB Edições, 2001.
- STEGEMANN, Ekkehard W; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.
- TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965.
- <http://pastorazenilda.blogspot.com.br>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Submetido em: 30/04/2018

Aceito em: 07/06/2018